Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Biociências
Departamento de Botânica

Grupo Viveiros Comunitários

RELATÓRIO DE ATIVIDADES — 2024
PROJETOS DE EXTENSÃO



Porto Alegre
Março de 2025

Sumário

I. Introdução ……..….

II. Relatoria abril/2024 a março/2025 ……..….

1. Manejos regulares do Viveiro Bruno Irgang…….
2. Reuniões regulares dos projetos de extensão do Grupo Viveiros Comunitários
3. 9 de abril: Reunião com Associação de Estudos com Povos Indígenas e Minoritários (ONG AEPIM).....
4. 23 a 25 de abril: 7º Encontro Nacional de Hortaliças Não Convencionais em São Lourenço do Sul, RS……..
5. 29 de abril: Encontro de Abertura do Projeto “Ka’aguy ete rã - Florestas do amanhã, envolvimento da juventude guarani na gestão ambiental das aldeias e recuperação das matas nativas” da ONG AEPIM na Tekoá Ka’aguy Porã em Maquiné/RS…..
6. 22 de maio: Reunião inicial de planejamento de atividades do Grupo Viveiros Comunitários……..
7. 4 de junho: pré-mutirão de organização do VBI para o mutirão em homenagem ao Dia do Meio Ambiente……
8. 4 de junho: Live no youtube em homenagem ao Dia do Meio Ambiente: “Crise climática no RS, um olhar biogeográfico: contexto atual e perspectivas futuras” com Valério Pillar e Arthur Klassmann…….
9. 5 de junho: Mutirão em homenagem ao Dia do Meio Ambiente…….
10. 5 de junho: Doação de mudas para plantio na Tekoá Anhetenguá ……
11. 8 a 12 de julho: IV Conferência Brasileira de Restauração Ecológica em Petrolina/PE e Juazeiro/BA……
12. 31 de julho: Mutirão no VBI…….
13. 14 de agosto: Participação na audiência pública Bugios e Rede Elétrica……..
14. 24 de agosto: Atividade Práticas em Viveirismo Comunitário no UFRGS Portas Abertas…….
15. 2 a 6 de setembro: 25º Salão de Extensão apresentando um vídeo e um relato de experiência……
16. 3 de setembro: Troca de mudas e sementes no Encontro dos Quilombos do Litoral Médio do RS…….
17. 23 de setembro: Doação de mudas pra esposa do prof rodrigo, dia da árvore em osório .....
18. 04 de outubro: Mutirão de manejo do VBI……..
19. 22 de outubro: Doação de mudas para Comunidade Quilombola Vila Nova - São José do Norte……
20. 25 de outubro: Plantio de mudas na Retomada Gah Ré do Morro Santana com o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores - Paulo Freire…….
21. 6 de novembro: Lançamento do Manual de Viveirismo Comunitário na Primavera Botânica…….
22. 6 de novembro: 31° Jornadas de Jóvenes Investigadores em Montevideo……
23. 21 de novembro: Reunião de planejamento estratégias de divulgação e distribuição do manual de viveirismo…….
24. 29 de novembro: Intercâmbio Guarani na Retomada Ka’aguy Porã……..
25. 05 de dezembro: Visita da escola EMEF Pessoa de Brum no Viveiro ……..

III. ANEXOS……

I. Introdução

O Grupo Viveiros Comunitários (GVC), que corresponde a um conjunto de Projetos de Extensão, teve origem em 1997 por iniciativa de alunos da Biologia da UFRGS e conta com quase 3 décadas de existência. Nossas ações de extensão se encontram dentro de uma visão de Guardiões da Agrobiodiversidade.

Viemos trabalhando na proteção, manutenção e promoção da agrobiodiversidade nativa ligada à sociobiodiversidade. Em geral, damos ênfase à divulgação e ao resgate de conhecimentos e saberes sobre plantas da flora do Rio Grande do Sul e seu papel agroecológico. Destacamos as PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) como parte desse conhecimento, sendo um dos nossos focos de trabalho. Junto a esses enfoques, também interagimos com outras pautas ambientais mais gerais.

A partir dessas premissas, promovemos cultivos e testamos métodos de propagação de muitas plantas nativas no Viveiro Bruno Irgang, nosso espaço de trabalho e laboratório vivo, que fica junto ao prédio do Instituto de Biociências da universidade. As mudas produzidas são utilizadas para distribuição e diversas trocas com comunidades, em plantios ou ocupações verdes, na manutenção do Viveiro Bruno Irgang (VBI) e demais plantios que nos forem demandados ou que quisermos colaborar.

Como grupo, estamos articulados com diversos movimentos, muitos deles fora da universidade, destacando-se o contato com povos indígenas, comunidades quilombolas e agricultores da rede de agroecologia do Estado, além de escolas da rede pública do Estado com atividades de educação ambiental.

Também participamos de encontros e eventos envolvendo o público ligado à temática da agrobiodiversidade, com diálogos de trocas de saberes e fortalecimento mútuo. Isso inclui tanto eventos acadêmicos quanto encontros de movimentos sociais, feiras, mutirões, entre outras coisas.

II. Relatoria abril/2024 a março/2025

1. **Manejos regulares do Viveiro Bruno Irgang**

   Os manejos no espaço físico do VBI são uma importante parte do nosso trabalho, já que a coleta de sementes e sua germinação, o repique das sementeiras, a transferência de mudas, a identificação botânica, a limpeza dos canteiros, a rega das mudas e outras atividades são extensas e demandam bastante tempo e dedicação. É no manejo que aprendemos na prática muito do que se vê nas aulas e, mais que isso, nos mostra como nós podemos nos relacionar com as plantas, a partir do entendimento de suas formas de vida.

2. **Reuniões regulares dos projetos de extensão do Grupo Viveiros Comunitários**

   As reuniões são semanais e nos ajudam a organizar como iremos fazer os manejos e quais são as atividades extensionistas que planejamos executar. Esses momentos são profundamente necessários, pois conseguimos alinhar nossas ideias, delegar tarefas, organizar cronogramas e debater assuntos mais didáticos referentes às nossas áreas de atuação.

3. **9 de abril:** Reunião com Associação de Estudos com Povos Indígenas e Minoritários (ONG AEPIM)



No dia 09 de abril realizamos uma reunião com os ex-viveiristas e parceiros da ONG AEPIM para conversar sobre os projetos de restauração ecológica em territórios indígenas que eles vêm construindo. Foi um importante momento de reconexão e articulação de futuras ações conjuntas entre GVC e AEPIM.

4. **23 a 25 de abril**: 7º Encontro Nacional de Hortaliças Não Convencionais em São Lourenço do Sul, RS





As viveiristas Alice Hennemann, Camila Flores, Maria Berto e Marina Fülber, além do prof Paulo Brack, estiveram presentes no HortPanc em São Lourenço do Sul - RS apresentando dois trabalhos em formato pôster: POTENCIAL DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS EM UMA PROPRIEDADE DE MORRINHOS DO SUL, RIO GRANDE DO SUL e HORTALIÇAS NÃO CONVENCIONAIS (HNC) PRESENTES NO CAMPUS DO VALE (UFRGS) E SUA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA NA EDUCAÇÃO E CONSERVAÇÃO.

Além de mostrar nosso trabalho, pudemos ver o que outras pessoas do país estão estudando e trabalhando no que se refere às PANC e conhecer pessoas referência do assunto, como Valdely Kinupp, Neide Rigo e Jaqueline Durigon. Também tivemos um dia de campo no sítio onde ocorrem os plantios experimentais do projeto PANCPOP da FURG, onde aprendemos sobre várias espécies de plantas e trouxemos algumas mudas para cultivar em nosso viveiro.

5. **29 de abril:** Encontro de Abertura do Projeto “Ka’aguy ete rã - Florestas do amanhã, envolvimento da juventude guarani na gestão ambiental das aldeias e recuperação das matas nativas” da ONG AEPIM na Tekoá Ka’aguy Porã em Maquiné/RS

No dia 29 de abril aconteceu o Encontro de Abertura do Projeto “Ka’aguy ete rã - Florestas do amanhã, envolvimento da juventude guarani na gestão ambiental das aldeias e recuperação das matas nativas” da ONG AEPIM na Tekoá Ka’aguy Porã em Maquiné/RS da qual pudemos participar como futuros parceiros do projeto.

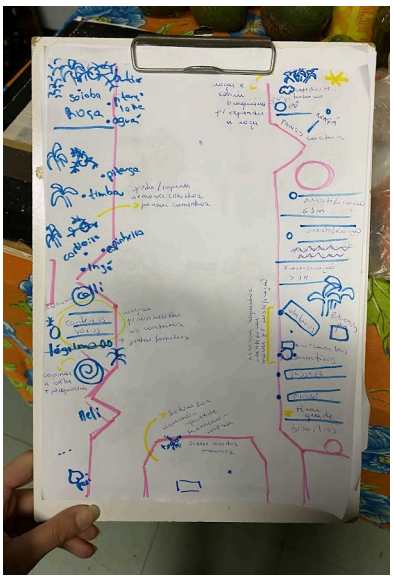
6. **22 de maio:** Reunião inicial de planejamento de atividades do Grupo Viveiros Comunitários



Durante a manhã do dia 22 de maio realizamos a reunião de planejamento do ano e dos projetos ativos no GVC. Conversamos sobre as possibilidades de trabalho incluindo manejo, educação ambiental e participação em atividades externas a UFRGS que pudessem auxiliar na construção de ambos os projetos. Estavam presentes na reunião de planejamento: Camila Flores, Maria Berto, Marina Fulber e o professor Paulo Brack.

7. **4 de junho:** Pré-mutirão de organização do VBI para o mutirão em homenagem ao Dia do Meio Ambiente

Nesse dia foi elaborado um planejamento coletivo dos futuros manejos ilustrando e elencando as demandas por espaço do viveiro. Nós recorremos muitas vezes a esse método de mapear o viveiro e os manejos necessários para conseguirmos organizar o trabalho de forma mais efetiva.





8. **4 de junho**: Live no youtube em homenagem ao Dia do Meio Ambiente: “Crise climática no RS, um olhar biogeográfico: contexto atual e perspectivas futuras” com Valério Pillar e Arthur Klassmann.

A proposta de realizar a atividade era de gerar informações e discussões acerca do tema crise climática, a qual estamos vivendo. Em maio de 2024 vivemos o pior evento climático do nosso estado onde vimos a maior enchente da história do RS destruir cidades e comunidades inteiras. Pensando nesse contexto, realizamos essa live para que através de duas perspectivas diferentes (o olhar de um biólogo e de um geógrafo) fossem expostos algumas informações atuais e perspectivas futuras relacionadas ao meio ambiente no nosso estado.
A live está disponível no YouTube através do link: https://www.youtube.com/live/KK0nI0STs6g?si=FBfhkRNGDkXOn2Lh



9. **5 de junho**: Mutirão em homenagem ao Dia do Meio Ambiente

No Dia do Meio Ambiente estivemos no nosso Viveiro Bruno Irgang manejando o canteiro da embaúba, onde ficam as mudas em estágios iniciais de desenvolvimento. O canteiro estava invisível meio a plantas espontâneas crescendo ao redor das mudas, então pra deixar ele mais bonito e visível para quem passa por ali e proteger o afogamento das mudas, tiramos todas elas, limpamos o solo e os saquinhos, separamos por espécie e colocamos em novos canteiros que delimitamos.



10. 5 de junho: Doação de mudas para plantio na Tekoá Anhetenguá

Na ocasião também direcionamos 20 mudas para serem plantadas nas áreas de restauração florestal na aldeia guarani Tekoá Anhetenguá na Lomba do Pinheiro pelo projeto Ar, Água e Terra da ONG Instituto de Estudos Culturais e Ambientais (IECAM), da qual somos parceiros.

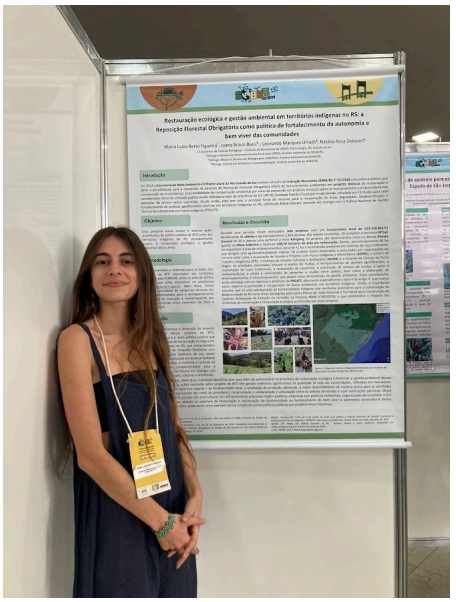




11. **8 a 12 de julho**: IV Conferência Brasileira de Restauração Ecológica em Petrolina/PE e Juazeiro/BA

Em julho tivemos a oportunidade de levar os resultados das nossas pesquisas para a “V Conferência Brasileira de Restauração Ecológica” da Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica em Juazeiro/BA onde apresentamos os trabalhos “Árvores nativas de Porto Alegre de uso tradicional Guarani: potencial para restauração florestal de ecossistemas culturais em Terra Indígena” e “Restauração ecológica e gestão ambiental em territórios indígenas no RS: a Reposição Florestal Obrigatória como política de fortalecimento da autonomia e bem viver das comunidades” e também participamos do “I Encontro Indígena de Restauração Ecológica”. Além disso, a SOBRE atuou como uma importante ponte para articulação do GVC com a cadeia produtiva da restauração ecológica do estado e para integração com a Rede Sul de Restauração Ecológica.





12. **31 de julho:** Mutirão no VBI




13. **14 de agosto:** Participação na audiência pública Bugios e Rede Elétrica

No dia 14 de agosto participamos da audiência pública convocada pelo Deputado Estadual Matheus Gomes (PSOL) para discutir a situação dos acidentes causados por choques dos bugios nas redes de fiação elétrica da cidade de Porto Alegre. Participaram da audiência diversos representantes de coletivos ambientalistas e órgãos ambientais estaduais e federais, além do setor administrativo e jurídico. A partir dessa audiência foi montado um grupo de trabalho que ficou responsável pela construção conjunta a assessoria do Deputado Matheus a escrever um projeto de lei em prol da conservação do bugio-ruivo e os corredores ecológicos utilizados por esses animais.



14. **24 de agosto:** Atividade Práticas em Viveirismo Comunitário no UFRGS Portas Abertas







Como parte da nossa participação do UFRGS Portas Abertas 2024 propusemos uma atividade de práticas em viveirismo na qual recebemos turmas de escolas e pequenos grupos para conversar sobre a flora nativa e a restauração da biodiversidade enquanto apresentamos um pouco do nosso trabalho com as mudas.

15. **2 a 6 de setembro:** 25º Salão de Extensão apresentando um vídeo e um relato de experiência

Participamos mais um ano do Salão de Extensão da UFRGS apresentando nossos dois projetos deste ano: **Bugio-ruivo: espécie bandeira para os corredores ecológicos em Porto Alegre e** Sociobiodiversidade e Viveiros de Plantas Nativas. Nesta edição do salão de extensão apresentamos nossos trabalhos nas modalidades video-pôster e relato de experiência. O link para o vídeo do projeto com o Programa Macacos Urbanos está disponível no Youtube através do endereço https://youtu.be/16gRjmbP0jo?feature=shared e do projeto de viveirismo através do link Relatos de Experiência – Salão de Extensão – UFRGS



16. **3 de setembro:** Troca de mudas e sementes no Encontro dos Quilombos do Litoral Médio do RS

No dia 3 de setembro aconteceu o Encontro dos Quilombos do Litoral Médio do RS. O evento contou com a presença de comunidades quilombolas, agricultores, técnicos da área ambiental e agronômica como a EMBRAPA e outros órgãos, além da presença de estudantes e acadêmicos. Ao longo da manhã foram apresentadas diversas palestras sobre a temática agricultura, dentre elas uma palestra sobre sementes crioulas, mostrando sobre seu uso e conservação no banco de sementes, produção e cultivo de mudas, além de troca de saberes através das conversas pós palestras.
Como GVC participamos como ouvintes e também realizando doações de mudas de plantas arbóreas nativas do RS para a comunidade local do litoral médio do RS.



17. **23 de setembro:** Doação de mudas para atividade do dia da árvore em Osório junto do CMPA.



18. **04 de outubro:** Mutirão de manejo do VBI

19. **22 de outubro:** Doação de mudas para Comunidade Quilombola Vila Nova - São José do Norte



20. **25 de outubro:** Plantio de mudas na Retomada Gah Ré do Morro Santana com o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores - Paulo Freire











Ainda em outubro realizamos uma atividade em parceria com o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores - Paulo Freire (CMET) na Retomada Gah Ré do Morro Santana. Na ocasião fomos recebidos pela cacica Gah Té que guiou o plantio das mudas que levamos para a aldeia, entre as espécies doadas estão: araucária, guabiroba, pitanga, açoita cavalo, cocão, canela e mais.

21. **26 de outubro:** mutirão de manejo no VBI

22. **6 de novembro:** Lançamento do Manual de Viveirismo Comunitário na Primavera Botânica






O dia 6 de novembro marcou um dia histórico pro GVC no qual o nosso querido Manual de Viveirismo foi oficialmente publicado, com lançamento na Primavera Botânica 2024 e roda de conversa com viveiristas de diferentes gerações do grupo. Ao longo da manhã ouvimos relatos de antigos viveiristas sobre o processo de criação do manual até os relatos da nova geração que levou ao lançamento do livro no ano de 2024.

23. 6 de novembro: 31° Jornadas de Jóvenes Investigadores em Montevideo

No mesmo dia, o Manual de Viveirismo Comunitário foi lançado no Uruguai, na 31° Jornada de Jóvenes Investigadores realizada na Universidad de la Republica Uruguay onde apresentamos o trabalho “Grupo Viveiros Comunitários: três décadas cultivando a sociobiodiversidade no Rio Grande do Sul”, apresentado por Marina Fülber. O trabalho faz um resgate histórico da criação do Viveiro Bruno Irgang e das atividades realizadas pelo Grupo Viveiros Comunitários nos últimos dez anos. A apresentação foi na sessão de Extensão Universitária, que foi dividida em partes para agregar trabalhos com a mesma temática. Junto à nossa apresentação, outros trabalhos tratavam de temas de hortas urbanas, economia solidária, feiras autogestionadas e agroecologia, sendo um momento de troca entre os projetos.



24. 21 de novembro Reunião de planejamento estratégias de divulgação e distribuição do manual de viveirismo

No dia 21 realizamos uma reunião com o Dani da editora Riacho, responsável pela edição do Manual de Viveirismo Comunitário, para pensar estratégias de divulgação e re-lançamento do livro.

25. 29 de novembro Intercâmbio Guarani na Retomada Ka’aguy Porã

Fomos junto da disciplina do PGDR DER309 - Etnoecologia e Gestão Socioambiental para o Intercâmbio Guarani na Retomada Ka’aguy Porã. Neste encontro foram reunidas importantes lideranças e juventudes Guarani, ICMBio, Rede Marangatu, SEMA-RS, UFRGS, AEPIM, entre outros projetos. Pudemos compreender um pouco melhor como as

aldeias estão organizadas aqui na região sul e conhecer também a aldeia Ka'aguy Porã. Aprendemos um pouco mais sobre como os guarani cuidam e manejam a palmeira-juçara (*Euterpe edulis*), importante espécie ameaçada da mata atlântica. Experimentamos uma deliciosa maionese de polpa de juçara com biomassa de banana verde que expandiu ainda mais nosso olhar sobre as inúmeras possibilidades com esse fruto. Foi ainda produzido um vídeo de divulgação dessa atividade que pode ser encontrado no link https://www.instagram.com/p/DDCv_RnOiJ6/




26. 05 de dezembro: Visita da escola EMEF Pessoa de Brum no Viveiro

No dia 05/12, recebemos os alunos do 6° ao 8° ano do ensino fundamental da escola EMEF Pessoa de Brum para uma visita ao Viveiro Bruno Irgang e ao Herbário ICN, no Instituto de Biociências. Conduzimos uma visita guiada ao herbário e posteriormente tivemos uma roda de conversa sobre viveirismo e hortas em ambientes estudantis. A ideia da atividade era proporcionar aos alunos uma troca de experiências entre as práticas de trabalho realizadas pelo viveiro e pela horta. Recebemos 8 alunos entre 11 a 15 anos.






27. 14 de dezembro: Encontro de fim de ano - churras e mutirão no VBI






Encerramos o ano com um momento de confraternização e trabalho coletivo no nosso viveiro com encontros transgeracionais ainda vibrando muita alegria por termos alcançado o tão esperado lançamento do Manual de Viveirismo Comunitário.

28. 8 de janeiro: Reunião de planejamento

Iniciamos o ano de 2025 com uma reunião de avaliação e planejamento para pensar nas atividades para o próximo o ano na qual foi elaborada a escala de regas para o período de férias da universidade que por ser um período de seca e muito calor é crucial no cuidado com as nossas mudas e canteiros.

29. 11 e 12 de janeiro: Carijo na Tekoá Yvyty Porã (Riozinho/RS)

Participamos do feitio de erva mate (I*lex paraguariensis*) da maneira tradicional na Tekoá Yvyty Porã. Importante evento para ajudarmos na produção da erva mate (que é uma das formas de sustento dessa aldeia) e ainda aprendermos sobre esse saber ancestral.

Além disso, estreitamos relações com a aldeia, pensando em futuros plantios e doação de mudas.







30. **14 de janeiro: Mutirão para organização do armário e reunião do projeto PANC**

    Nesse dia nos reunimos no viveiro para re-organizar nosso armário de ferramentas e materiais e conversar sobre a construção coletiva do artigo de revisão sobre as PANCs do RS.

31. **21 de janeiro: Reunião de Organização da 10° Festa da Biodiversidade de Porto Alegre**



Em janeiro também passamos a integrar o coletivo que organiza a Festa da Biodiversidade em Porto Alegre, composto por diversos coletivos socioambientais e culturais. A Festa acontece no dia 22 de maio e esse espaço de construção coletiva e autogestionada é muito especial para tecer parcerias e fortalecer a rede.

32. 30 e 31 de janeiro: Viveirismo na Tekoá Kuaray Resé (Osório/RS) e Tekoá Nhuu porã (Torres/RS) em parceria com a ONG AEPIM







Em janeiro participamos de duas atividades em viveiros guaranis do litoral norte em parceria com a ONG AEPIM. No dia 30/01 visitamos a aldeia Nhuu Porã em Torres/RS e realizamos uma oficina de práticas de viveirismo com as crianças e mulheres da comunidade na qual semeamos araçá amarelo e vermelho, cambucá e sete capotes. No dia 31/01 seguimos as atividades no viveiro da aldeia Kuaray Resé em Osório/RS repicando timbaúva com as crianças viveiristas e plantando avaxi (milho) na kokué (roça).

33. Fevereiro

Fevereiro foi um mês de muito calor e regas regulares, por isso apesar das altas temperaturas tivemos poucas perdas de mudas.





34. 23 de fevereiro: Vistoria com Deputado Matheus Gomes no bairro Lami

Realizamos uma vistoria no bairro Lami junto ao Deputado Estadual Matheus Gomes e seus assessores para ver e conversar sobre as demandas de trabalho do Programa Macacos Urbanos relacionadas a conservação do bugio e da flora associada à espécie. Visitamos alguns pontos onde existem pontes de dossel as quais os animais utilizam para se deslocar entre uma porção de vegetação e outra. Conversamos com o deputado sobre a necessidade de, além de prevenir os acidentes causados por choques nas redes de fiação elétrica da cidade, promover atividades de educação ambiental com a comunidade local e trabalhar na conservação da nossa fauna e flora nativa presentes na zona sul e em toda nossa cidade. Estavam presentes na vistoria a bolsista de extensão Camila Flores além do colega que compõe a equipe do Programa Macacos Urbanos João Cláudio Godoy.






35. 24 de fevereiro: Entrega do Projeto de Lei n° 331/2024 para o presidente da câmara dos deputados do RS

No dia 24 de fevereiro foi entregue o Projeto de Lei n° 331/2024 a qual Cria a Política de Prevenção de Acidentes Elétricos com Animais Silvestres. Esse projeto de lei teve sua origem em audiência pública estadual, realizada na data de 14 de agosto de 2024, que abordou a morte dos bugios na rede elétrica da zona sul de Porto Alegre e Viamão. Logo, este projeto é fruto de um Grupo de Trabalho, composto por especialistas, promotores de justiça, servidores públicos, estudantes e ativistas da causa ambiental.







36. 10 de março: Primeira Reunião do Semestre

Iniciando um novo semestre retomamos as atividades coletivas com uma reunião na qual foi construído um breve cronograma para o restante do mês de março e discutido também os futuros projetos do GVC para o ano de 2025.

37. 13 de março: Dia do Butiá

Para celebrar o dia do butiá montamos uma banca em um corredor do Instituto de Biociências/UFRGS com materiais de divulgação, suco, bolo, picolé e mudas de butiá com o intuito de apresentar o GVC para os novos calouros da biologia e divulgar a importância dessa data comemorativa e da conservação dessas espécies tão simbólicas para o nosso estado. Divulgamos no nosso Instagram sobre a espécie e sobre possibilidades de receitas com esse fruto.





38. 20 de março: 22a Festa da Colheita do Arroz do MST no Assentamento Filhos de Sepé (Viamão/RS)







39. 21 de março: Cinedebate “A Revolução dos Cocos”



III. ANEXOS

1. Resumos HortPanc

HORTALIÇAS NÃO CONVENCIONAIS (HNC) PRESENTES NO CAMPUS DO VALE (UFRGS) E SUA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA NA EDUCAÇÃO E CONSERVAÇÃO

Marina Fülber[1]; Vitória Estivalet[1]; Maria Luiza Berto Figueira[1]; Camila da Silva Flores[1]; Paulo Brack[2];

[1] Estudantes de Ciências Biológicas – Instituto de Biociências da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E-mail: marinafbr@gmail.com; viestivalet10@gmail.com; mlberto@outlook.com; camilaflores.agroecologia@gmail.com

[2]Professor do Departamento de Botânica, Instituto de Biociências - UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e-mail: paulo.brack@ufrgs.br

RESUMO

O Grupo Viveiros Comunitários (GVC), constituído por alunos e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), faz-se presente através de projetos de extensão/integração, educação ambiental e pesquisa. As espécies de plantas nativas do RS, o viveirismo comunitário e a autogestão constituem-se como respostas fundamentais à perda de biodiversidade, em decorrência das monoculturas e seus agroquímicos, além de outros vetores de degradação ambiental. Desde a década de 2000, o GVC acompanhou os trabalhos do biólogo Valdely Kinupp em seu doutorado e seguiu trabalhando e desenvolvendo pesquisas, experimentação e atividades com PANC, mantendo destaque no tema dentro e fora da universidade. Pela condição de proximidade com os jardins do Campus do Vale da UFRGS, onde está situado o curso de Biologia e o Viveiro Bruno Irgang, nosso espaço de trabalho, verificamos que existia uma diversidade de hortaliças espontâneas nos gramados não submetidos a cortes constantes em comparação com onde essa prática ocorre frequentemente. Esses gramados, jardins e beiras de caminhos abrigam espécies que são utilizadas em aulas de botânica e ecologia, além de espaços de interação ecológica e abrigo espécies alimentícias, medicinais e ornamentais. Tendo em vista a importância desses gramados, buscamos identificar as Hortaliças Não Convencionais (HNC) que crescem naturalmente nos gramados e canteiros do Campus do Vale. Realizamos levantamentos de HNC em diferentes locais não submetidos a cortes constantes de vegetação, em distintas épocas do ano, desde 2017. Obtivemos 33 espécies, 22 nativas e 11 naturalizadas, pertencentes a 17 famílias botânicas, apresentando maior riqueza as famílias Asteraceae (12), Solanaceae (3), Apiaceae (2) e Urticaceae (2). Essas três primeiras famílias já são historicamente utilizadas como alimentícias em cultivos convencionais e tradicionais. Já Urticaceae é uma família com grande potencial alimentício ainda não explorado, devido ao seu alto teor proteico. Consideramos a riqueza de HNC elevada, e o desconhecimento sobre seu comportamento biológico e ecológico é grande, mas vem sendo pesquisado e divulgado. As áreas verdes com PANC possuem riqueza botânica nos campi, e devem ser mantidas como importantes espaços de conservação, pesquisa, banco de sementes, integrados a atividades educacionais de divulgação da agrobiodiversidade alimentícia.

Palavras-chave: PANC. Viveirismo Comunitário. Educação Ambiental, Flora alimentícia.

POTENCIAL DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS EM UMA PROPRIEDADE DE MORRINHOS DO SUL, RIO GRANDE DO SUL

Marina Fülber[1]; Maria Luiza Berto Figueira[1]; Uriel Freitas[1]; Marília Kelen[2]; Paulo Brack[3].

[1] Estudantes de Ciências Biológicas – Instituto de Biociências da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E-mail: mlberto@outlook.com; marinafbr@gmail.com; uriel.freitas@ufrgs.br
[2] Nutricionista e bióloga, Taquara, Rio Grande do Sul. E-mail: mkelen630@hotmail.com [3] Professor do Departamento de Botânica, Instituto de Biociências - UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e-mail: paulo.brack@ufrgs.br

RESUMO

A agricultura convencional, baseada em monoculturas, mecanização e utilização de sementes transgênicas, agrotóxicos e outros insumos químicos, provoca impactos alarmantes no ambiente. Nesse contexto, as PANC frequentemente são consideradas como “plantas daninhas”, crescendo em sua região original ou em lugares muitas vezes “indesejados” por apresentarem resistência ao uso de herbicidas. No entanto, tendo em vista a diversidade como princípio inerente à vida, a funcionalidade ecológica dessas espécies, associadas também a usos tradicionais, reitera-se sua importância como forma de autonomia alimentar, no enriquecimento nutricional da dieta, na diversificação de rendimentos, sem sua eliminação, passando a usá-las integradas à produção agroecológica. Este trabalho pretendeu identificar a riqueza florística com potencial alimentar, tanto no estrato herbáceo-arbustivo de áreas de produção agroecológica - sendo uma área de cultivo de milho, uma de mandioca, uma de cenoura e uma área de pousio - como em ecossistemas florestais de entorno aos sistemas produtivos, bem como avaliar a cobertura e parâmetros fitossociológicos em sistemas agroecológicos de uma propriedade situada em Morrinhos do Sul, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. No levantamento florístico em parcelas, em áreas de cultivo, foi identificado um total de 55 espécies, distribuídas em 46 gêneros e 21 famílias. Do total de espécies encontradas, 29 são reconhecidas como PANC, correspondendo a 52,7%. Para o levantamento de plantas alimentícias em matas, beiras de caminhos e vegetação ruderal, fora das áreas de cultivo, utilizou-se o método de caminhamento na propriedade de 15 hectares, tendo sido encontradas 41 espécies que, somadas às amostradas com as parcelas, totalizam 69 spp. de PANC para a área de estudo, distribuídas em 34 famílias botânicas. Plantas alimentícias nativas e espontâneas em áreas rurais podem ser mantidas e manejadas. O reconhecimento desse potencial, além do incremento ao consumo destas plantas, associado à agricultura familiar e agroecológica, junto às atividades de extensão/integração de instituições de ensino e pesquisa, são desafios necessários para diversificar a produção agrícola, fortalecendo a soberania alimentar, a conservação da biodiversidade e as políticas públicas em agrobiodiversidade.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade. Agroecologia. Autonomia alimentar. Morrinhos do Sul. PANC.

Árvores nativas de Porto Alegre de uso tradicional Guarani: potencial para restauração florestal de ecossistemas culturais em Terra Indígena

Marina Fülber[1], Davi da Cunha Morales[2] e Sandra C. Müller[3]

Desde 1500, todos os ciclos econômicos da história do Brasil levaram à degradação da Mata Atlântica, sendo esta ocupação e destruição coincidente com a violência e expulsão dos povos originários dessas florestas. Os Guarani constituem a maior população indígena na região sul e sudeste do Brasil, e no Rio Grande do Sul (RS) estão em 21 das 48 Terras Indígenas (TI). São uma etnia tradicionalmente ligada às florestas e necessitam dela para a coleta de plantas para diversas utilizações. Para a manutenção de sua cultura é necessário que a floresta esteja de pé, pois a degradação ambiental é sinônimo de degradação étnica e espiritual, mas isso não significa dizer que seus territórios estão conservados. Neste contexto, a restauração florestal e o viveirismo indígena se mostram importantes para retomar o ecossistema cultural dos guarani. Os objetivos deste trabalho foram determinar as espécies de uso guarani nas florestas nativas de Porto Alegre (RS) que tenham potencial para restauração e compilar informações de germinação e desenvolvimento inicial destas. A metodologia consistiu no cruzamento de dados obtidos em revisão bibliográfica e conhecimento acerca do uso das espécies arbóreas pelos Guarani. Das 181 espécies arbóreas e arbustivas de Porto Alegre, 79 possuem uso guarani catalogado para as aldeias do RS, constituindo 43,6% da flora. Destas, apenas cinco não possuem informações sobre propagação e cultivo em bibliografia e sete possuem apenas a nível de gênero, mostrando que já foram feitos estudos pelo menos a nível básico para embasar projetos de restauração e viveirismo em TI.

Palavras-chave: áreas degradadas, povos originários, restauração ecológica, vegetação nativa, viveirismo indígena.

[1] Estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista do projeto Ar, Água e Terra: Vida e Cultura Guarani

[2] Estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro do Laboratório de Ecologia Vegetal (LEVeg).

[3] Professora titular no Departamento de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bióloga, mestre em botânica, doutora em ecologia, coordenadora do Laboratório de Ecologia Vegetal (LEVeg).

Restauração ecológica e gestão ambiental em territórios indígenas no RS: a Reposição Florestal Obrigatória como política de fortalecimento da autonomia e bem viver das comunidades

Maria Luiza Berto Figueira[1]; Joana Braun Bassi2.; Leonardo Marques Urruth 3; Natália Delazeri 4

Em 2018 a Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul instituiu uma política pública que abriu a possibilidade para a conversão de passivos de Reposição Florestal Obrigatória (RFO) em projetos técnicos de restauração e conservação de ecossistemas. Desde então, esta tem sido a principal fonte de recursos para a recuperação de áreas degradadas, biodiversificação e fortalecimento de territórios indígenas no RS, sobretudo Mbyá-Guarani, em sinergia com a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas (PNGATI). Essa pesquisa sistematizou projetos de RFO executados pela SEMA/RS entre 2018 e 2024, avaliando a importância desta política pública junto aos territórios indígenas, principalmente quanto à restauração ecológica e gestão ambiental destas áreas. Foram executados sete projetos durante esse período, com um investimento total de R$3.318.864,53 e beneficiando 21 aldeias. Os projetos são desenvolvidos tanto no Bioma Pampa quanto na Mata Atlântica e totalizam 90 hectares de área em restauração. As atividades incluem o plantio de mudas nativas e de uso tradicional, o enriquecimento de quintais agroflorestais, a implantação de roças tradicionais, a restauração de nascentes, a construção de viveiros de mudas, o apoio à meliponicultura, bem como etnomapeamentos e etnozoneamentos que atuam como ferramentas de gestão ambiental e desenvolvimento comunitário nesses territórios. Dessa forma, a política da RFO, em seu viés intercultural, tem articulado órgãos públicos, empresas com passivos ambientais, organizações do terceiro setor e comunidades indígenas, aliando os objetivos de restauração e conservação ao fortalecimento do bem viver e autonomia sociocultural destes territórios no RS.

1 Estudantes de Ciências Biológicas – Instituto de Biociências da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
² Bióloga e Mestre em Desenvolvimento Rural pela UFRGS; Analista ambiental da SEMA/RS.
³ Biólogo, Mestre e Doutor em Biologia pela UNISINOS, Analista ambiental da SEMA/RS.
4 Bióloga, Mestre em Ambiente e Sustentabilidade. Analista ambiental da Secretaria do Meio ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Restauração ecológica, territórios indígenas, gestão ambiental, reposição florestal obrigatória, bem viver.

3. 25º Salão de Extensão

O Bugio ruivo: espécie bandeira para os corredores ecológicos em Porto Alegre

O município de Porto Alegre possui 25% de florestas e outras áreas naturais com riqueza de flora e fauna, possuindo 181 espécies arbóreas autóctones, sendo 75% com estrutura de frutos associados à dispersão de sementes pela fauna. O bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*) destaca-se como um primata importantíssimo como dispersor de sementes, nas matas de Porto Alegre. Apesar de ainda ser encontrado na zona sul do município, o bugio-ruivo faz parte das listas de espécies ameaçadas de extinção (categoria vulnerável). Com a urbanização crescente, a biodiversidade local se encontra em estado de ameaça constante. Verifica-se elevada taxa de mortes do animal associada à infraestrutura urbana (fiação elétrica, ruas, avenidas e estradas). Uma das estratégias para se evitar a perda da fauna e flora nativas é a manutenção de corredores ecológicos, já reconhecidos em diversas leis. Estas faixas de conectividade de biodiversidade permitem o fluxo gênico e o movimento da biota, facilitando a dispersão de espécies, a manutenção dos estoques populacionais da biocenose e a recolonização de áreas degradadas. Neste contexto, o Grupo Viveiros Comunitários (GVC) vem atuando conjuntamente ao Programa Macacos Urbanos, em projetos de extensão, no Instituto de Biociências da UFRGS, buscando a conservação da biodiversidade do município. Os projetos do GVC possuem enfoque no cultivo de plantas nativas do RS e na conservação e valorização da sociobiodiversidade. O Programa Macacos Urbanos, com 30 anos de existência na UFRGS, possui ênfase na pesquisa e extensão com ações voltadas à proteção e à educação ambiental em relação ao bugio-ruivo, junto a áreas naturais, rurais e suas comunidades de Porto Alegre. Os projetos nesta área conjugam-se na conservação do bugio-ruivo e na preservação de seu habitat natural. Há 30 anos, realizam-se projetos no bairro Lami, unindo a universidade da comunidade local da zona sul da cidade articulando atividades de conservação e de educação ambiental. Dentre as atividades realizadas pelo projeto destacam-se a participação no 48° aniversário da Reserva Biológica do Lami, presença em mídias de comunicação, como em reportagens televisivas, jornalísticas e audiências públicas em prol da conservação do bugio e sua flora associada. A ação de extensão pretende dar seguimento e ampliar a realização dessas atividades a fim de estabelecer procedimentos sobre a importância da conservação da flora nativa, dos plantios e do papel do bugio-ruivo como espécie bandeira, nos corredores ecológicos e na proteção das áreas naturais remanescentes de Porto Alegre.

SOCIOBIODIVERSIDADE E VIVEIROS DE PLANTAS NATIVAS

Maria Luiza Berto Figueira; Uriel Silva Freitas; Marina Fülber

O Grupo Viveiros Comunitários (GVC) é um projeto que desenvolve práticas de pesquisa e extensão relacionadas à socioagrobiodiversidade e à flora nativa do Rio Grande do Sul desde 1997. Em um pequeno corredor da universidade produzimos mudas de espécies
nativas pensando em contribuir com práticas alternativas aos viveiros convencionais, através da gestão coletiva e da socialização do que é produzido. Nosso objetivo é a diversidade ao invés do produtivismo, cultivamos espécies e variedades regionais buscando a conservação de recursos genéticos locais e saberes tradicionais, promovendo a autonomia das comunidades e pensando uma restauração ecológica biocultural dos territórios.

O Viveiro Bruno Irgang (VBI) abriga cerca de 1500 mudas de aproximadamente 100 espécies nativas da flora regional, incluindo espécies ameaçadas de extinção e espécies estratégicas para a conservação da biodiversidade e restauração de ecossistemas. Além

disso, cultivamos espécies raras, subutilizadas e também plantas multifuncionais com usos tradicionais e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Nosso “laboratório vivo” possibilita a reconexão com a biodiversidade e a superação do paradigma de separação entre ser humano e natureza, que contribui para a crescente degradação ambiental. Através do cultivo e manejo sustentável da flora nativa o GVC busca contrapor às “monoculturas da mente” que uniformizam o pensamento e impõem paradigmas únicos que limitam a diversidade cultural e ecológica.

Nosso coletivo trabalha para estabelecer parcerias e fortalecer redes, destacando o papel crucial dos guardiões e guardiãs da sociobiodiversidade na conservação e restauração dos ecossistemas. Nesse sentido, nos últimos meses, o GVC tem atuado em parceria com ONGs indigenistas (AEPIM e IECAM) em projetos de restauração ecológica em aldeias M’byá Guarani do RS, em especial na região metropolitana de Porto Alegre e no litoral norte. Tivemos a oportunidade de integrar práticas interculturais que associam os conhecimentos ecológicos tradicionais guarani às técnicas de manejo agroecológico não indígena, buscando favorecer a biodiversificação e a recuperação ambiental.

Na Tekoá (aldeia) Anhetenguá (Porto Alegre/RS) atuamos fortalecendo as ações de viveirismo, que envolvem a coleta, processamento e plantio de sementes, com foco em espécies de interesse da comunidade. Doamos cerca de 300 mudas de árvores nativas cultivadas no VBI para os plantios e também trabalhamos no monitoramento do desenvolvimento das mudas plantadas para o reflorestamento. Na Tekoá Kuaray Resé (Osório/RS) acompanhamos o plantio das kokué (roças tradicionais) e a experimentação com espécies de adubação verde nesses cultivos. Além disso, participamos de mutirões de manejo agroflorestal das áreas em restauração e de plantio de mudas nativas de uso tradicional guarani, na Tekoá Ka’aguy Porã (Maquiné/RS) e Ka’aguy Pa’ü (Caraá/RS). A experiência nos projetos de restauração ecológica nas aldeias dialoga muito com os objetivos de extensão do GVC, potencializando a troca intercultural de práticas e saberes para o desenvolvimento comunitário de estratégias de restauração ecológica de territórios do RS. A convivência com os M’byá nos proporcionou uma compreensão mais profunda da inter-relação entre essas comunidades e a natureza, transformando nosso olhar como futuros biólogues e potencializando o resgate de usos tradicionais da flora nativa do acervo cultural guarani, fortalecendo o eixo de pesquisa etnobotânica do GVC.

Em julho tivemos a oportunidade de levar os resultados das nossas pesquisas para a “V Conferência Brasileira de Restauração Ecológica” da Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica em Juazeiro/BA onde apresentamos os trabalhos “Árvores nativas de Porto Alegre de uso tradicional Guarani: potencial para restauração florestal de ecossistemas culturais em Terra Indígena” e “Restauração ecológica e gestão ambiental em territórios indígenas no RS: a Reposição Florestal Obrigatória como política de fortalecimento da autonomia e bem viver das comunidades” e também participamos do “I Encontro Indígena de Restauração Ecológica”. Além disso, a SOBRE atuou como uma importante ponte para articulação do GVC com a cadeia produtiva da restauração ecológica do estado e para integração com a Rede Sul de Restauração Ecológica.

Dessa forma, o GVC segue atuando no fortalecimento do viveirismo comunitário, integrando com outros viveiros de mesma base e contribuindo para a autonomia das comunidades nos processos de restauração ecológica. Nesse trabalho coletivo, somos inspirados pela confluência de sentido e propósito nas práticas de recuperação, manutenção e difusão da flora nativa e na luta em defesa da sociobiodiversidade. O VBI é um espaço de biodiversidade e resistência e tem um papel essencial no envolvimento

estudantil e comunitário com o manejo sustentável da flora nativa e com a restauração ecológica biocultural.

4. 31ª Jornada de Jóvenes Investigadores AUGM

Grupo Viveiros Comunitários: três décadas cultivando a sociobiodiversidade no Rio Grande do Sul.

Autor: Fülber, Marina; marinafbr@gmail.com
Co-autor(es): Figueira, Maria Luiza Berto; Freitas, Uriel
Orientador: Brack, Paulo; paulo.brack@ufrgs.br
Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto de Biociências, Departamento de Botânica

Resumo

Em um contexto de crise ecológica em que o paradigma hegemônico é o das monoculturas da mente, causando um ecocídio generalizado, surge em 1997 o Grupo Viveiros Comunitários da união entre alunos e professores de Biologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os projetos de extensão relacionados ao grupo, que busca atuar de forma autogestionada, visam o resgate, a conservação e o uso sustentável da biodiversidade por meio do cultivo de plantas nativas, de maneira a gerar relações com comunidades indígenas, quilombolas, agricultores, escolas e a academia, nos inserindo entre a pesquisa, a extensão e a educação ambiental. Temos, como laboratório vivo na universidade, o Viveiro Bruno Irgang (VBI), com cerca de 1500 mudas de 100 espécies da flora nativa do Rio Grande do Sul. A partir dessas plantas, participamos de plantios em áreas de interesse comunitário e projetos de restauração socioambiental; desenvolvemos oficinas, cursos e rodas de conversas; participamos de eventos populares e científicos divulgando nossos trabalhos; e nos relacionamos com demandas ambientalistas regionais. Nos últimos anos, algumas ações importantes que desenvolvemos foram cursos de viveirismo comunitário e sistemas agroflorestais; participação em congressos nacionais e internacionais; presença em encontros sobre a sociobiodiversidade; plantios de restauração biocultural; caminhadas de identificação de plantas multifuncionais; ativismo em pautas ambientalistas regionais, incluindo ações pela conservação do bugio-ruivo na zona sul do município; além da finalização de um livro coletivo, o Manual de Viveirismo Comunitário. O GVC, com quase 30 anos de experiência, contribui não só para a regeneração dos ecossistemas mas também para a autonomia das comunidades e para a justiça socioambiental.

Palavras-chave: conservação da socioagrobiodiversidade, flora nativa, viveirismo comunitário.